

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO NO LETRAMENTO DA CRIANÇA COM SURDEZ

Carolina **PEROTO**¹
Prof.^a Esp. Rosângela Aparecida Araújo **FERREIRA**²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo refletir sobre a relevância de se usar o gênero textual História em Quadrinhos como incentivador do letramento do aluno com surdez. Tendo com base a trajetória da educação inclusiva esse gênero fornece as adaptações necessárias respeitando as diversidades. O trabalho de conclusão fundamenta-se em estudos bibliográficos que mostram como a criança é atraída pela curiosidade, pelo manuseio e pela possibilidade de conteúdo atraente e diversificado, sendo as Histórias em Quadrinhos uma eficiente forma de se ampliar o conhecimento de modo agradável e lúdica. Assim, o contato da criança desde cedo com esse tipo de texto mostra-se de fundamental importância como incentivo à educação igualitária e deve ser valorizado por todos os agentes do processo de ensino e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE

Inclusão; surdez; história em quadrinhos; linguagens visuais.

1. Introdução

O processo de ensino-aprendizagem para surdos continua sendo um desafio, destaca-se a grande preocupação de professores e pedagogos em relação a educação inclusiva. A educação para surdos já se foi bem problematizada, considerava-se que o aluno com surdez era incapaz de ter qualquer tipo de educação devido a isso era preconceituosamente afastado do convívio social.

¹ Pós-graduanda em Libras - Departamento de Pós-Graduação – FIRA- Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – carolzinaperoto@hotmail.com

² Professora Especialista em Língua Brasileira de Sinais – Docente – FIRA- Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – roaferreira@hotmail.com

Foram a procura de uma educação igualitária, como consequência houve uma transformação na vida social da pessoa com surdez, assim iniciou-se o processo de inclusão na busca a valorização, respeito e principalmente validação dos seus direitos e deveres. Incluindo a alfabetização para aluno com surdez. Visto que os surdos são visuais para alfabetização dos mesmos deve-se fazer uso de imagens assim,

O primeiro artefato da cultura surda é a experiência visual em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de suas subjetividades: De onde viemos? O que somos? Para onde queremos ir? Qual é a nossa identidade? (STROBEL, 2009, p. 40)

Pensando nesse aspecto professor e sujeitos envolvidos no processo escolar compreendem a verdadeira função formativa. Assim, decidiu-se o quanto o tema desse artigo seria pertinente e útil ao desenvolvimento da criança com surdez na fase de alfabetização, fazendo-se uso das Histórias em Quadrinhos, gênero textual de linguagem mista (verbal e não verbal), facilitando o processo da representação da realidade.

Assim, com base em uma pesquisa bibliográfica, serão tecidas as reflexões acerca da eficiência do gênero HQ para o letramento do aluno com surdez. Para tanto, algumas considerações teóricas sobre o gênero serão apontadas a seguir e, na sequência, se explanará sobre o uso da HQ em sala de aula.

2. O letramento do aluno surdo

Determina-se que alfabetização do aluno surdo seria eficaz em sua língua oficial Libras, constituída por uma gramática na qual tem suas adaptações. A língua natural - Libras permite-lhes aprender, comunicar, agir, pensar e desenvolver-se, cabe à escola proporcionar a esse seu aluno com surdez programas bilíngues sendo a língua portuguesa a sua segunda língua. (OLIVEIRA, 2011).

Usada na escola para aquisição das línguas, para aprender por meio dessa língua e para aprender sobre as línguas. A língua portuguesa, portanto, será a segunda língua da criança surda sendo significada pela criança na sua forma escrita com as suas funções sociais representadas no contexto brasileiro (QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p. 17)

Quanto a essa formação bilíngue, sabe-se claramente que deve ser ensinada de forma gradativa e sistematizada, para que o mesmo torne cidadão fluente e crítico não somente em sua língua materna, mas também na língua de seu país, para que possa exercer seu papel na sociedade.

Para que essa alfabetização seja de qualidade os profissionais dessa área devem ter uma qualificação previa em suas pratica pedagógicas é preciso que hajainterresse de ensinar e se comunicar com os alunos de forma adequadas.

Não privilegia uma língua, mas quer dar direito e condições ao indivíduo surdo de poder utilizar duas línguas; portanto não se trata de navegação, mas de respeito; o indivíduo escolhera a língua que irá utilizar em cada circunstância linguística em que se encontrar. (DIAS,2006, p.42)

O processo de letramento para o aluno com surdez é a compreensão do modo no qual as palavras são processadas na mente, correspondendo o significado com a forma ortográfica. Deve recorrer de estratégias visuais, baseadas na língua de sinais auxiliando a compreensão de significados e conceitos. (OLIVEIRA, 2011).

2.1 A leitura visual na apropriação do letramento

A leitura visual é um conhecimento de mundo que o aluno traz de casa que representa toda sua vida e sua história. Para que haja entendimento do mesmo deve-se ter assimilação do mundo imaginário com o a vida real. E como todo leitor para sua compreensão interpretará o texto visual com suas experiências anteriores.

Não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. (FREIRE, 1998, p.11)

Para que possa facilitar o entendimento os profissionais envolvidos a educação inclusiva deve-se levar imagens, fotos relacionadosao tema que ajudaria alcançar o objetivo “crianças surdas em contato inicial com a Língua de Sinaisnecessitam de referências da linguagem visual comas quais tenham possibilidade de interagir, para construir significado” outra função paraa imagem, lembrando que existe um aspecto lúdiconamesta.(REILY, 2003 p.16)

Assim, o surdo pode significar o mundo por processos semelhantes aos dos ouvintes, através de umaestrutura linguística que permite compreender. darsentido a fatos, objetos, sentimentos e emoções. poisa língua é o requisito básico para as ações educacionais, possibilitando a comunicação, o pensamento generalizante, a inserção social e cultural.(VYGOTSKY, 1989)

A formação de conceitos seria facilitada utilizando imagens visuais, nas atividades educacionais, ajudando o processo de desenvolvimento do pensamento conceitual, porque as imagens atravessamos campos do saber, trazem uma estrutura e potencial que podem ser aproveitados para transmitir conhecimento e desenvolver o raciocínio.

3. As Histórias em Quadrinhos nas escolas

As histórias em quadrinhos logo quando lançadas foram vistas pela sociedade norte americana como deletério, que influenciariam as crianças e jovens a serem cidadãos problemáticos. Alguns editores norte americanos já tinham elaborado a exclusão das publicações, alegando que os quadrinhos iriam mesmo prejudicar o desenvolvimento moral e intelectual dos leitores.

Com o passar dos anos, entretanto, as Histórias em Quadrinhos começaram a ser encaradas de forma mais amigável, os críticos compreenderam os conhecimentos e especificidades do gênero em questão. Começaram a aparecer – timidamente, é bem verdade - em materiais didáticos para complementar algum assunto, ou ilustrar algum tema específico, o que aliás acontece ainda hoje na escola, embora já tenha se difundido mundialmente a função formativa deste gênero textual, como confirmam as palavras de SRBEK (2006, p. 16) a seguir:

Ao que parece, contudo, a escola não está ainda atenta à dimensão formativa dos quadrinhos, concentrando sua atenção na escolarização tradicional de sua linguagem, quer seja como “meio de distração”, quer seja como “instrumento didático”. Isto se confirma por livros didáticos em que as histórias em quadrinhos são incorporadas, com o objetivo de torná-los mais “agradáveis” ou para “tapear” o aluno enquanto se transmite “conteúdos” embalados na forma de quadros e balões. Outra estratégia de inserção (que se bem utilizada pode render bons resultados) é a reprodução de uma história em quadrinhos saída dos veículos tradicionais, na qual apontam e da qual se destacam elementos que se quer discutir com os alunos.

A história em Quadrinhos, quando proposta para os alunos, deve ser tratada como um instrumento que colaborará para formar leitores pensantes, entretanto, isso se faz de forma lúdica e agradável, diferente do que a escola tradicional sempre percebeu como leitura. Assim,

Pelo trânsito natural de informações essenciais para a convivência social nas histórias em quadrinhos, seja com intencionalidade educativa ou voltadas para mero entretenimento, esta linguagem atrativa e amigável realmente tem o poder especial de formar suas próprias comunidades de leitores e aprimorar-lhes as habilidades e competências inerentes à leitura. Assim, se a significação do ato de ler está contida nas vivências cotidianas, a leitura das histórias em quadrinhos eleva os níveis de significação e convivência social inseridos nas leituras, ampliando os conceitos fundamentais de seu ato manifesto. (BARI, 2008, p. 118)

Ainda em defesa dos quadrinhos na escola, tendo em vista a combinação da subjetividade com um processo de aprendizagem altamente prazeroso e passível de ser abordado a partir de qualquer área de conhecimento ou faixa etária da criança, deliberam GIORA e SANTANA (2012, p. 60):

[...] os quadrinhos trabalham com a lógica dos sentimentos, ou seja, com a subjetividade, enquanto primeira forma de consciência; ativam a imaginação criadora que envolve todas as funções superiores, além das emoções, de tal forma que o aluno elabora/se apropria de conteúdos que ultrapassam os especificados no tema proposto pelo educador; tornam o processo ensino/aprendizagem prazeroso, pois a criança e o jovem aprendem 'brincando'; além de tudo isso, os quadrinhos podem ser utilizados em quaisquer áreas do conhecimento e quaisquer níveis de escolaridade, levando sempre em conta a etapa de desenvolvimento na qual o educando se insere.

A História em Quadrinhos faz com que a criança adquira o hábito de ler e, conseqüentemente de imaginar e pensar. A partir dela, o pequeno leitor é constantemente motivado a buscar conhecimento e a observar o mundo, bem como é encorajado a aventurar-se por outros gêneros tendo em vista a formação leitora já principiada.

A leitura de Histórias em Quadrinhos pode contribuir para a formação do gosto pela leitura porque ao ler histórias em quadrinhos a criança envolve-se numa atividade solitária e não movimentada por determinado período de tempo, que são características pouco frequentes nas atividades de crianças pré-escolares ou no início da escolarização. Também porque, estando mais próximas da forma de raciocinar destas crianças, elas podem mais facilmente lê-las, no sentido de retirar delas significados, o que seria menos provável com outros tipos de leitura. Além disso, pode-se esperar que uma criança para quem a leitura tenha se tornado uma atividade espontânea e divertida, esteja mais motivada a explorar outros tipos de textos (com poucas ilustrações), do que uma outra criança para quem esta atividade tenha sido imposta e se tornado enfadonha. (ALVES, 2001)

O professor deve usar a criatividade para explorar as histórias em sala de aula como ferramenta de ensino. Vai depender de o professor saber inserir o aluno nesse contexto de leitura dinâmica e prazerosa, para que a criança possa desenvolver habilidades de leitura, ampliando vocabulário, formulando interpretação, desenvolvendo a reflexão e a criticidade.

Os quadrinhos podem potencializar o letramento. Além do teor facilitador da informação "contextual", presente naturalmente na linguagem das histórias em quadrinhos, a interação dos sujeitos cooperativos que compõe as comunidades leitoras dos diferentes gêneros quadrinhísticos colaboram com a potencialização do letramento. Ou seja, as práticas comunicativas e a troca de impressões, referências e experiências leitoras entre os membros dos grupos sociais de leitores de histórias em quadrinhos criam uma ecologia da comunicação propícia à apropriação da leitura e ao letramento. (BARI, 2008 p. 119).

É viável esclarecer, entretanto, que usar histórias em quadrinhos no processo de ensino aprendizagem não é tão fácil quanto parece. É necessário que o professor saiba selecionar o material de acordo com determinado propósito de leitura e, principalmente, que não passe a usar o gênero como pretexto para qualquer atividade escolar, em detrimento de outras tantas formas textuais possíveis de se explorar na escola como colaboradoras no processo de aquisição do gosto pela leitura.

Da mesma forma, uma valorização excessiva das histórias em quadrinhos pelo professor, principalmente no momento de sua utilização – como se elas dessem a resposta desejada para todas as dúvidas e necessidades do processo de ensino –, também acaba sendo pouco produtiva, pois coloca o meio em uma posição desconfortável frente às outras formas de comunicação. Os quadrinhos não podem ser vistos pela escola como uma espécie de panacéia que atende a todo e qualquer objetivo educacional, como se eles possuíssem alguma característica mágica capaz de transformar pedra em ouro. Pelo contrário, deve-se buscar a integração dos quadrinhos a outras produções das indústrias editoriais, televisiva, radiofônica, cinematográfica etc., tratando todos como formas complementares e não como inimigas ou adversárias na atenção dos estudantes. (VERGUEIRO, 2005, p. 27).

É preciso que a escola não ignore a importância de se trabalhar com as Histórias em Quadrinhos em sala de aula e que capacite seus professores para isso. É fato que

[...] os estudantes querem ler quadrinhos; as palavras e imagens, juntas, ensinam de forma mais eficiente; existe um alto nível de informação nos quadrinhos; os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura, enriquece o vocabulário dos estudantes; podem ser usados em qualquer nível escolar e com qualquer tema. (VERGUEIRO, 2010 p. 21-25)

Então, que seja unida a vontade do aluno em ler esse gênero textual à vontade da escola de formar leitores competentes. A criança, motivada pela dinâmica do texto, se deixa fascinar pelas caipirices cheias de cultura de Chico Bento, pelas brigas da Mônica com o Cebolinha, pela fome exagerada da Magali, ou ainda pela preguiça do gato Garfield ou pelas ácidas críticas de Mafalda! Enquanto ela interage com as personagens, vai aprendendo com seus mundos, em seu mundo!

3.1 A utilização da linguagem visual nas histórias em quadrinhos

O gênero textual história em quadrinhos aborda principalmente as teorias da cultura visual, educação para compreensão crítica e pedagógicas. Transformações socioculturais que levam a sociedade a construção crítica de uma realidade

A arte na educação contribui de forma substancial e significativa para incitar o pensamento, sendo agente transformador e formador do cidadão que reconheça a si mesmo, reforce a relação com a cultura em que está inserido, sendo esse um dos

principais apontamentos do ensino de Arte na contemporaneidade. (MENDONÇA, 2006, p.37)

Neste sentido é preciso que o professor organize um trabalho de teoria e história da arte, inter-relacionado com a sociedade em que eles vivem. Entende-se que é possível conseguir um conhecimento mais amplo e aprofundado da arte, incorporando ações como: ver, ouvir, mover-se, sentir, pensar, descobrir, exprimir, fazer, a partir dos elementos da natureza e da cultura, uma analisar, refletir e refletindo transformando. Arte deve ser de acesso a todos os estudantes sem discriminação (FERRAZ; FUSARI, 2010).

Análise da imagem é de extrema importância nesse gênero, devemos juntar essa dinâmica, as práticas expressivas de contra discurso, de tal forma que possamos ajudar as crianças e os jovens dizerem por imagens, sua visão crítica de mundo. Instrumentalizadas por um ensino de qualidade, sustentado por uma análise crítica da cultura visual, sem abrir mão de dar acesso aos estudantes às técnicas básicas de expressão, como bem assinala SAMAIN(2012, p. 16):

Uma coisa é certa: não olharemos as imagens, nas próximas décadas, da mesma maneira. As imagens pensam e nos fazem pensar, além de elas moldarem o nosso próprio olhar. Somos assim “observadores” condicionados tanto pelos nossos modos de ver como pela peculiaridade com que as imagens olham para nós.

Contextos educacionais inclusivos tem como dever a sugerir estudos e estratégias para solucionar, o trabalho educacional com surdos, vale a pena lembrar que a utilização de imagens é uma maneira bem eficiente de referências da linguagem visual com as quais tenham possibilidade de interagir, para construir significado. Sendo uma abordagem sociocultural, que coloca o homem como um ser social, com relações com o mundo e consigo mesmo são mediadas por sistemas sígnicos; nesse sentido, é importante o uso de representações visuais como estratégia de ensino numa proposta pedagógica inclusiva, pois ela favorecerá a apropriação de significados pela criança, bem como possibilita a representação mental de experiências.

Então que seja unida vontade do aluno e do educador a pensar sobre a esse gênero história em quadrinhos e a imagem. Sua importância na sociedade contemporânea, determinada e sendo determinante, circulando por todo mundo via meios tecnológicos, a imagem circula poderosa, influenciando o pensamento do educador, isto é, desenvolver um

profissional de educação mais aberto, menos rígido em suas dinâmicas específicas de área de conhecimentos.

Considerações Finais

Ao término deste trabalho, pode-se concluir que a História em Quadrinhos tem um papel muito importante na formação do aluno com surdez, pois ela rompe barreiras da leitura complexa, difícil e obrigatória para repousar numa interação prazerosa e lúdica do leitor com o texto.

Em contato com esse tipo de gênero, todacriança pode se tornar um cidadão crítico que possa exercer seu papel na sociedade partindo de conceitos simples da vida cotidiana. E para isso é necessário que exista consciência que o aluno com surdez possui sua identidade cultural e uma língua própria. Não há nada há de se desmerecer o trabalho escolar com as Histórias em Quadrinhos, pelo contrário, as características deste gênero são extremamente férteis para o imaginário.

Referências:

ALVES, J. M. Histórias em quadrinhos e educação infantil. **Psicologia: ciência profissão**, Brasília, v. 12, n. 3, set. 2001. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932001000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em maio 2016.

BARI, V. A. **O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes- ECA/USP, 2008. (Tese de Doutorado)
URL: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512>

DIAS, V.L.L. **Rompendo as barreiras do silêncio: interações de uma aluna surda incluída em uma classe do fundamental**. 2006. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro 2006.

FERRAZ, M. H. C. T. de; FUSARI M. F. R. de. **Arte na educação escolar**. 4ª ed. São Paulo: Cortex, 2010

FREIRE, A. **aquisição de português como segunda língua: uma proposta de currículo**. Revista Espaço-informativo do INES. Rio de Janeiro. pp.45-52, 1998.

GIORA, R. C.F.A e SANTANA, B. P. Quadrinhos no cotidiano Escolar. Nona Arte: **Revista Brasileira de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos**. v. 1, n. 1, p. 59-66, 1º semestre de 2012. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/index>>. Acesso em: 12 abril 2016

MENDONÇA, J. M. O ensino da arte e a produção de histórias em Quadrinhos no ensino fundamental. Dissertação de Mestrado defendida na UFMG em 2006.

OLIVEIRA, L. A. **Fundamentos históricos biológicos e legais da surdez**. Curitiba: IESD Brasil S. A, 2011.

QUADROS, R. M. de; SCHMIEDT, M. L. P. Ideias para ensinar português para alunos surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

REILY, L. H. . **As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para Pré- escolares surdos**. Em I. R.Silva; S. Kauchakje & Z. M.Gesueli (Orgs.), *Cidadania, Surdez e Linguagem: desafios e realidades*. Cap. IX (pp.161-192).SP: Plexus Editora, 2003.

SAMAIN, E. **Como pensam as imagens**. São Paulo: Editora Unicamp, 2012.

SRBEK, W. **Quadrinhos & outros bichos**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Ed. UFSC, 2009.

VERGUEIRO, W. e RAMA, A. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

VERGUEIRO W. O Uso das HQs no Ensino. In: RAMA, A et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. (Tradução Brasileira da tradução Inglês do original Russo de 1934). SP: Martins Fontes, 2ª edição. Imagens Visuais, 1989.